

TENDÊNCIAS/DEBATES

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Até quando, meu Deus?

MAURO MORELLI

NA SEXTA-FEIRA SANTA, depois de participar de várias manifestações públicas de fé e de compromisso com o Mutirão Contra A Desnutrição Materno-Infantil, em São João de Meriti, continuei em casa a meditação das sete palavras de Jesus na cruz, segundo relato dos evangelistas.

É comovente sua solidariedade com o sofrimento da humanidade, assumindo tudo que é nosso, menos o pecado. Junto à cruz pode-se entender o verdadeiro sentido do amor. Só o amor pode levar um torturado a distribuir perdão e ternura entre tanto sofrimento. A seu lado, um outro condenado ouve a palavra de acolhida no Reino da Vida.

Voltando-se para sua mãe, Maria, símbolo da Igreja e da própria humanidade, roga que não se descuide do filho ou da criança. Ao jovem suplica que não caminhe só e nem queira ser feliz sozinho. Somos chamados à vida em comunhão. Ninguém isolado ou abandonado à própria sorte. Somos criados à imagem e semelhança de Deus. Deus é amor! Onde houver amor, Deus aí está.

Como pôde o Brasil ser chamado Terra da Santa Cruz, se a colonização foi maldição para os povos indígenas? A escravidão, base do desenvolvimento. A exclusão social, desfecho trágico da modernidade. Atingidas as fontes da vida, a natureza se contorce nos estertores da degradação ambiental.

Como pode ser católico um país que segrega e condena milhões ao desemprego, à fome e à indignância? Como será evangélico um país em que Deus é blasfemado pela idolatria do bezerro de ouro e da busca da felicidade sem compromisso com a justiça e sem a prática da fraternidade? O divórcio entre fé e vida é negação do Reino de Deus. A cidadania na terra é exigência do dom da vida. Nenhuma criança nasce para ser anjinho no céu!

O ceticismo e o cinismo das elites são comprovados cada dia pela manipulação da mídia, pela arrogância e pela dureza de coração dos detentores do poder político e econômico.

Os efeitos da marginalização são tratados como problemas policiais. A Lei de Segurança Nacional continua a ser aplicada com rigor contra os pobres e os despojados de terra, de trabalho, de mo-



Como pôde o Brasil ser chamado Terra da Santa Cruz, se a colonização foi maldição para os povos indígenas?

radia e dos legítimos gozos da vida, como saúde, educação e lazer.

Nas inesgotáveis análises do episódio recente da apropriação tresloucada das mordomias presidenciais, ficam patentes o nojo e o desprezo das elites pela dignidade e pela cidadania do povo. Nada mais revelador do que lastimar que a opção tenha sido uma garrafa de vinho e não um trator!

O país está determinado a impedir mudanças. Uma eleição será seguida por outra. O Orçamento garantirá efetivamente a cidadania de um terço da população. A burocracia conseguirá impedir que outro terço não consiga mais do que as migalhas indispensáveis para sustentar a escravidão do sistema. Co-

mo sempre, um terço deverá ser exterminado pela desnutrição infantil e outras providências que o milagre brasileiro consegue produzir com requintes de perversidade — por exemplo, a concentração da renda, da terra e da riqueza.

País insensato e estúpido. Até quando a ditadura da riqueza permanecerá triunfando? O apetite e a voracidade das elites atingiram os limites da sanidade. Confesso que o reality show das periferias e dos grotões começa a afetar o meu equilíbrio. Sinto-me atormentado pela fome de pessoas adultas e de crianças desnutridas, com rosto, nome e endereço. Vergonha e indignação me sufocam.

O Mutirão Contra A Desnutrição Materno-Infantil não deve aceitar omissão e nem desculpas do poder público. Uma questão de cidadania.

Celebremos a Páscoa. Vida com dignidade e esperança para cada criança que nasce em nosso planeta. Alimento, dom de Deus, direito de todos.